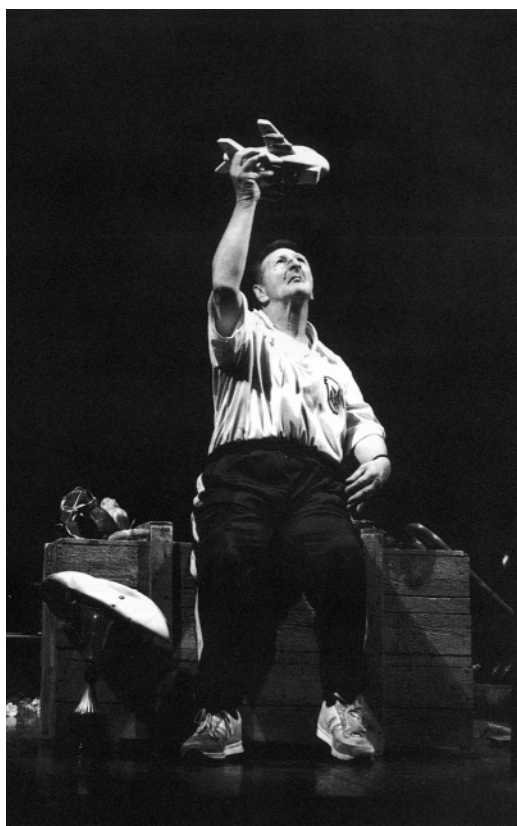


# Corpos em guerra

Rita Martins

<  
Bobò,  
fot. Guido Harari.

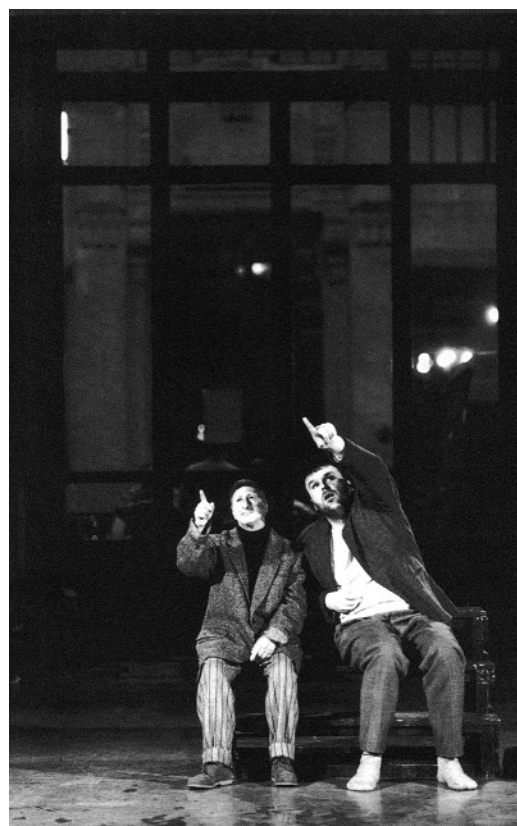


Bobò e Pippo Delbono,  
fot. Guido Harari.

>

Gostaria de partilhar convosco a perplexidade que me assalta quando vejo determinados corpos em cena. Dado que expõem uma doença, eles são inquietantes, podendo mesmo ser considerados escandalosos ou inadequados à cena. Falo de corpos diferentes, portadores de deficiência. Desde logo, podemos afirmar que são corpos atípicos na tradição da dança e do teatro. Darei dois exemplos de criadores que provocam "escândalo" ao expor esses corpos atípicos: o actor e encenador italiano Pippo Delbono e Raimund Hogue, coreógrafo e *performer* alemão.

Raimund Hogue foi dramaturgista de Pina Bausch, entre 1980 e 1990, no Tanztheater Wuppertal. Em 1989, começou a criar as suas próprias peças para actores e bailarinos e, em 1994, actuou pela primeira vez num solo que criou para si: *Meinwärts*. Alguns espectadores e críticos sentiram-se ofendidos quando Hogue se despiu em palco, reacção que este questiona: "O que é que não queremos ver? Talvez a nossa própria vulnerabilidade? O medo do que é diferente? Por que razão não deveria eu tirar a *t-shirt*? Porque tenho uma corcunda?" (Hogue 2006, tradução minha), acrescentando ainda que, hoje em dia, os portadores de deficiência não chegam a ver a luz do dia.



Hogue faz a sua declaração de princípios artísticos e éticos, de forma simples e directa:

"Lançar o corpo na luta", escreveu Pier Paolo Pasolini. Estas foram as palavras que me inspiraram a subir ao palco. Outros temas de inspiração são a realidade que me rodeia, o tempo em que vivo, a minha memória da história, as pessoas, as imagens, as sensações, o poder e a beleza da música, assim como o confronto com o corpo que, no meu caso, não corresponde aos ideais convencionais de beleza. Ver em cena corpos que se afastam da norma é importante – não somente do ponto de vista histórico, mas também considerando a evolução actual, que tende a reduzir o estatuto do homem ao dos artefactos ou dos objectos de design. (Hogue 2006, t.m.)

É preciso dizer que dois acontecimentos, coincidentes, marcaram o início da carreira de Pippo Delbono: o encontro com Pina Bausch e o saber que é seropositivo. Por imoderada ironia do destino, na mesma altura em que descobriu o teatro como espaço de liberdade artística, viu-se forçado a reconhecer os limites e a fragilidade do seu corpo em falência. Em 1997, durante um estágio no Hospital Psiquiátrico de Aversa, encontrou Bobò, que ai

Rita Martins  
é crítica de teatro  
do jornal *Público*  
e investigadora, tendo  
publicado em 2007 um  
estudo intitulado  
*Raúl Brandão:*  
*Do texto à cena*



&lt;

Bobò e Gianluca Ballarè,  
Itaca, Pietra Ligure, 1998,  
fot. Paolo Rapalino.

residia há 45 anos por sofrer de microcefalia. Pippo ficou impressionado ao ver alguém que "punha toda a sua vida no menor dos seus gestos". Bobò passa a ser um modelo de actuação, já que é "absolutamente sincero naquilo que faz, pois o seu corpo não pode mentir" (Delbono 1999: 71, t.m.). A partir desse ano, Pippo começa a integrar na companhia actores portadores de deficiência, física ou mental.

Embora as linguagens cénicas destes dois criadores pouco tenham em comum – e não me debruçarei sobre as diferenças estéticas –, ambos expõem corpos que estão habitualmente escondidos, disfarçados, distantes. A sua visibilidade incomoda e causa desconforto. Marcados pelas práticas discursivas da exclusão, devolvem ao espectador o seu próprio olhar, obrigando-o a interrogar-se sobre a violência da diferença e das normas, a violência do silêncio e da dor. Mais, eles lembram o que queremos esquecer: a doença, a decadência do corpo e a morte.

Estes corpos "escandalosos" fazem-nos tropeçar na ficção teatral: não são personagens, não exibem uma técnica e resistem à semiotização. Como observa Erika Fisher-Lichte, no seu artigo "A cultura como performance":

"Enquanto até agora o corpo semiótico nos espectáculos tem atraído e recebido muita atenção, o corpo físico dos actores e espectadores só raras vezes se tornou visível" (Fisher-Lichte 2005: 76). Ainda assim, como explica, a percepção do espectador oscila constantemente entre aquilo que chama "ordem da presença", o fenómeno auto-referencial, e a "ordem da representação", que corresponde à percepção do corpo do actor como signo de uma figura dramática ou outra ordem simbólica (*Ibidem*: 78). O corpo atípico estabelece-se na ordem da presença e dificilmente escapamos à sua intensa fisicalidade. Isto é, enquanto habitualmente vemos o corpo do actor como suporte físico de uma personagem, movendo-se no interior do universo dramático fictício, o corpo que expõe a doença resiste à representação de algo para além de si.

Para apreender a complexidade da aparição de um corpo atípico proponho denominá-lo, provisoriamente, "corpo autobiográfico". Coloco como hipótese esta definição, determinando alguns aspectos que concorrem para a sua (possível) especificidade: 1) O corpo autobiográfico insere-se na tradição da arte da *performance*, do monólogo autobiográfico e do ritual

>  
*Êxodo (Esodo)*,  
 enc. Pippo Delbono,  
 Companhia Pippo  
 Delbono / Emilia Romagna  
 Teatro Fondazione, 2000,  
 fot. cortesia do Festival  
 Internacional de  
 Teatro de Almada.



pessoal; 2) Põe em crise as fronteiras entre a arte e a vida; 3) É auto-referencial e impõe a sua fisicalidade atípica; 4) O corpo autobiográfico narra a sua própria história, nele se inscreve a narrativa da sua dor. Aqui, gostaria de lembrar a *performance* da irlandesa Mary Duffy que, em *Histórias de um corpo* (*Stories of a Body*), apresenta um texto comovente sobre o isolamento em que cresceu. Desde pequena, lembra-se de ouvir os médicos falarem como se ela fosse invisível e incapaz de compreensão, vaticinando um triste futuro para a criança nascida sem braços. Ao descrever a história do seu corpo, Mary Duffy prova que eles se enganaram (Duffy 2000: 63-64). 5) O corpo autobiográfico exibe as marcas de um corpo em luta, interior e exterior, consigo e com o mundo, reclamando para si a frase: "O pessoal é político".

Será, então, que o corpo autobiográfico se fecha à ordem da representação? Será um corpo de tal forma isolado que apenas comunica o seu silêncio? A sua aparição poderá, somente, "chocar", tornando-se ainda mais distante por ser politicamente incorrecta? Gerald Siegmund, referindo-se à peça de Raimund Hogue, *Um outro sonho* (*Another Dream*), responde da seguinte forma:

[0] seu *eu* representa-nos a nós e às nossas memórias. O seu corpo representa o nosso lugar no palco. Está desfigurado por uma corcunda e permite-nos experienciar a realidade através de proporções que não obedecem à norma. Abrindo-se a uma rede de associações, permite-nos aprofundar a nossa própria mortalidade. (Siegmund 2006, t.m.)

Também no teatro de Pippo Delbono somos confrontados com a absoluta fragilidade do corpo. Os corpos autobiográficos, no espaço ficcional da cena, intensificados pela música, transformam-se em signos poéticos que dizem a ferida de cada ser. Para este encenador, o teatro "é uma experiência da vida que fala constantemente da

morte, o teatro é uma luta contra a morte" (Delbono 2004: 175, t.m.).

Todos os corpos estão em guerra. O sofrimento é um assunto privado e incomunicável. Mas, no teatro, o confronto é possibilidade de encontro: com o outro, numa relação de empatia com a dor, e conosco, numa compreensão reflexiva da nossa condição de seres em perigo. Mais uma vez, o terror e a piedade. Mas, como se grita no espetáculo *Barboni*: "Deves dançar, dançar, dançar na guerra".

### Referências bibliográficas

- DELBONO, Pippo (1999), *Barboni*, Milano, Ubilibri.  
 -- (2004), *Mon théâtre*, Paris, Actes Sud.  
 DUFFY, Mary (2000), "Stories of a Body", *Fama: A Joint Edition of Frakcija and Mask*, vol. I, n.º 1, pp. 63-64.  
 FISCHER-LICHTE, Erika (2005), "A Cultura como *performance*: Desenvolver um conceito", *Sinais de Cena*, n.º 4, Dezembro, pp. 73-80.  
 HOGUE, Raimund (2006), "Jeter son corps dans la bataille. Les handicaps physiques choquent plus que la violence sur scène: un plaidoyer pour l'imperfection", *Zeitschrift für Kultur*, 765, n.º 3, suplemento do festival STEPS (também disponível em: [www.raimundhoghe.com](http://www.raimundhoghe.com)).  
 SIEGMUND, Gerald (2001), "A View of the Stars through a Pair of Red Binoculars", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.